

**DESTROÇOS DA CONSCIÊNCIA DE SERES NÃO HUMANOS EMBUTIDAS
COMO CARNE DE HAMBÚRGUER: ESPECISMO E ÉTICA ANIMAL EM “DE
GADOS E HOMENS”, DE ANA PAULA MAIA**

**CONSCIOUSNESS WRECKAGES OF NON-HUMAN BEINGS EMBEDDED AS
HAMBURGER MEAT: SPECIESISM AND ANIMAL ETHICS IN "DE GADOS E
HOMENS", BY ANA PAULA MAIA**

Rafael Lucas Santos da Silva¹

RESUMO: Partindo dos pressupostos do campo de investigação denominado *Estudos Animais*, procurou-se construir uma análise do romance “*De gados e homens*” (2013), de Ana Paula Maia, com o propósito de repensar as relações de alteridade com os animais não humanos. Na medida em que este romance tematiza trabalhadores rurais de um matadouro, delineamos os momentos específicos nos quais os bovinos ocupam um lugar explícito na diegese, que permitem reflexões sobre o especismo antropocêntrico do Ocidente e sobre a consciência e sofrimento dos viventes não humanos. Sendo assim, a nossa hipótese de leitura é que o romance de Ana Paula Maia pode ser compreendido como uma escritura que atualiza e problematiza a catástrofe da naturalização e perpetuação da concepção do especismo antropocêntrico/logocêntrico que não reconhece os animais não humanos como sujeitos de direito no processo de produção da carne, com o gradual deslocamento dos matadouros para longe do espaço urbano.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Estudos Animais; Ética Animal; Violência especista.

ABSTRACT: Based on the assumptions of the field of research called *Animal Studies*, an attempt was made to construct an analysis of Ana Paula Maia's novel "*De gados e homens*" (2013), with the purpose of rethinking relations of alterity with nonhuman animals. Since this novel thematizes rural workers in a slaughterhouse, we delineate the specific moments in which cattle occupy an explicit place in the narrative that allow reflections on the anthropocentric speciesism of the West and on the consciousness and suffering of nonhuman living. Thus, our reading hypothesis is that Ana Paula Maia's novel can be understood as a writing that updates and problematizes the catastrophe of the naturalization and perpetuation of anthropocentric/logocentric speciesism that does not recognize non-human animals as subjects of law in the process of meat production, with the gradual displacement of slaughterhouses away from urban space.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; Animal studies; Animal Ethics; Speciesist violence.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“*De gados e homens*” é o quarto romance de Ana Paula Maia, cuja publicação em 2013 completou dez anos de sua produção artística. Escritora com ampla divulgação internacional em várias traduções — espanhol, alemão, inglês, francês, sérvio e grego —, desde 2003, com a publicação de “*O habitante das falhas subterrâneas*”, Ana Paula Maia vem construindo uma sólida e coerente obra ficcional, na qual busca representar categorias de trabalhadores situados em espaços

¹ Atualmente, realizando Mestrado na área de Estudos Literários, na Linha de Pesquisa Literatura e Historicidade, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Desenvolve pesquisa sobre o pensamento de Slavoj Žižek e suas aplicações aos Estudos Literários. Possui Graduação em Letras Português/Espanhol e Respektivas Literaturas na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Email: i3rafael@hotmail.com

caracterizados pela subalternidade e exclusão social, que sobrevivem em uma brutalidade abjeta de um cotidiano cruel.

As peculiaridades do estilo desses romances alinham-se, pois, à determinada vertente da literatura brasileira que Bosi (1977) circunscreveu como “brutalista”, cujos precursores foram Rubem Fonseca (1925 -) e Dalton Trevisan (1925 -). O crítico literário sustenta o argumento de que esse *estilo brutalista* “se formou nos anos 60, tempo em que o Brasil passou a viver uma nova explosão de capitalismo selvagem, tempo de massas, tempo de renovadas opressões” (BOSI, 1977, p. 18). Atualmente, Schollhammer (2009) assinala que especialmente o estilo brutalista de Rubem Fonseca “foi não apenas um exemplo e um modelo, mas, em alguns casos, também o mentor direto e possibilitador” da obra ficcional de diversos escritores contemporâneos (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 40). Conforme o autor, é importante entender

[...] que a tendência brutalista na literatura brasileira se apoia na temática da violência sem nenhuma intenção de legitimar a crua realidade dos submundos urbanos. Ao contrário, percebemos como esta narrativa, ao representar uma realidade inaceitável do ponto de vista ético ou político, abre um diálogo com seu conteúdo desarticulado, permitindo assim enxergar uma procura de comunicação abafada culturalmente (SCHOLLHAMMER, 2000, p. 256).

É, pois, contra o abafamento da cultura dos vencidos e dos oprimidos que a obra ficcional de Ana Paula Maia se insurge, podendo ser concebida como uma crítica social radical das ideologias da modernização do quadro institucional brasileiro (o papel econômico do Estado, inseparavelmente de seu conteúdo político-social).

Edgar Wilson, protagonista em “*De gados e homens*”, sobrevive em um contexto feroz e degradante, agravando a sua solidão pois apenas lhe resta se defender de tudo e de todos, brutalizando-se. Em uma estrutura fragmentária de capítulos curtos, desenvolve-se uma história cujas ações se passam na fazenda “Touro do Milo”, centrada em Edgar Wilson que vive no alojamento da fazenda com outros cinco trabalhadores (Bronco Gil, Helmuth, Emetério, Burunga e Zeca). Nesta fazenda, funciona um matadouro de bovinos que fornece carne para uma fábrica de hambúrguer; todos estes personagens trabalham nele, sendo que Edgar Wilson tem a função de atordoar o gado com um intenso golpe de marreta, para que durante o seu desnorreamento a sua garganta seja cortada. Conforme indica o discurso narrativo, Edgar Wilson “não sente orgulho do trabalho que executa, mas se alguém deve fazê-lo que seja ele, que tem piedade dos irracionais” (MAIA, 2013, p. 15).

De fato, no desenrolar do discurso narrativo, Edgar Wilson é apresentado como um sujeito que se preocupa com o sofrimento dos animais não humanos, de modo que “encomenda a alma de cada animal que abate” (MAIA, 2013, p. 15). Sendo assim, pelo fato do protagonista do romance

“*De gado e homens*” trabalhar em um matadouro, ocorre que os animais não humanos, especificamente os bovinos, ocupam um lugar explícito que propicia uma discussão a partir do prisma da Ética Animal. Não obstante, até o presente momento ainda não foi empreendido nenhuma análise deste romance de Ana Paula Maia que focalizasse o sofrimento e a subalternização dos animais não humanos.

Sendo um romance contemporâneo, ainda com exígua fortuna crítica, permanece assim essa lacuna insatisfatória de empreendimentos analíticos que vão além da compreensão dos animais como simples e meras metáforas. Tal é o objetivo deste artigo, partindo dos pressupostos do campo de investigação denominado *Estudos Animais*: colocar em relevo a discriminação preconceituosa baseada na noção de espécie — o chamado *especismo* —, que perpetra a violência contra os animais não humanos, dado que os personagens em “*De gados e homens*” assumem uma forte posição antropocêntrica, não considerando os bovinos como seres sencientes, dotados de autoconsciência e interesses.

Isto porque a nossa hipótese de leitura é que o romance de Ana Paula Maia pode ser compreendido como uma escritura que atualiza e problematiza a catástrofe da naturalização e perpetuação dessa concepção do especismo antropocêntrico e logocêntrico. Nesse aspecto, visamos assumir “a responsabilidade ética e estética de escrever sob o impacto da certeza de que vivemos hoje num tempo [...] em que uma reflexão incisiva sobre as práticas de crueldade contra os animais torna-se cada vez mais necessária e urgente no mundo contemporâneo” (MACIEL, 2008, p. 77). Visto isso, e a fim de aquilatar melhor as implicações éticas com relação à vida do animal não humano contidas no romance em questão, usufruiu-se no curso desta análise da interdisciplinaridade dos Estudos Animais, pontuando mecanismos do sistema agroindustrial de carne bovina, a degradação do meio ambiente por esse sistema, a dor e a senciência dos animais não humanos, o modo como no consumo carnívoro a carne é separada de qualquer referência ao cadáver animal, tendo em vista, enfim, como toda esta violência e exploração está pautada no especismo antropocêntrico, sendo que a Ética Animal é a vertente filosófica que visa alterar essas condições.

1 O DEBATE SOBRE OS MECANISMOS DE OPRESSÃO IMPOSTOS AOS ANIMAIS NÃO HUMANOS E O PROJETO INTELLECTUAL DOS ESTUDOS ANIMAIS: ÉTICA ALÉM DOS LIMITES DA ESPÉCIE

A não valorização dos animais não humanos é uma prática cultural fortemente arraigada em nossas sociedades industriais e ocidentais, fustigando-os, durante séculos, como meros “seres brutos”, “inferiores” e “bestas”. Uma prática que desconhece qualquer sensibilidade ou

preocupação moral, negando aos animais não humanos a condição de sujeitos, pois, concebe-se que “todo animal estava destinado a servir algum propósito humano, se não prático, pelo menos, moral ou estético” (THOMAS, 1988, p. 24).

Tal concepção de subjugação é encontrada desde a Antiguidade grega, em que o filósofo Aristóteles afirmava que “o animal é como um escravo na sociedade, tendo como única finalidade servir ao homem, é um bem útil para alimentação, matéria prima, uso diário [...]” (ARISTÓTELES, 2002, p. 55). Conforme Sônia Felipe (2009), a tradição aristotélica se consolidou como alicerce moral de nossas sociedades:

Na história do pensamento ético ocidental, originada na Grécia, a partir do sexto século anterior à nossa era, concepções opostas da natureza viva animada foram elaboradas, por Pitágoras e por Aristóteles. Nossa formação moral é signatária da concepção aristotélica, antropocêntrica e hierárquica, típica da racionalidade escravocrata. A concepção ética de Pitágoras nos teria levado ao *domínio não-tirânico* sobre outras espécies vivas, mas ela continua a ser ocultada nos ensinamentos acadêmicos (FELIPE, 2009, p. 3, grifos da autora).

Por outro lado, houve também os fundamentos teológicos para justificar a autoridade humana sobre o mundo dos animais, cuja síntese pode ser encontrada no Antigo Testamento do texto bíblico: “Tema e tremam em vossa presença todos os animais da terra, todas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em vossas mãos pus todos os peixes do mar. Sustentai-vos de tudo o que tem vida e movimento” (GÊNESIS, IX, 2-3 *apud* THOMAS, 1988, p. 22).

Como se não bastasse, esse caráter objetual dos animais foi agravado, a partir do século XVII, com a doutrina mecanicista de René Descartes (1596-1650), a qual serviu para alimentar tanto a crueldade quanto a indiferença para com os sofrimentos dos animais não humanos, visto que “a teoria mecanicista da natureza animal dá sustentação à crença difundida entre os cientistas [...] de que os animais são destituídos da consciência da dor, por serem destituídos da linguagem e do pensamento” (FELIPE, 2007, p. 41).

Nesse sentido, com base em fundamentos religiosos e de filosofias racionalistas, os animais são meros autômatos mecânicos, desprovidos de pensamentos e até de experiências sensoriais, livrando os seres humanos de culpa, desconforto e vergonha ao praticar atrocidades contra as necessidades das outras espécies. É assim que, por durante séculos, “os homens fazem tudo o que podem para dissimular ou para se dissimular essa crueldade, para organizar em escala mundial o esquecimento ou o desconhecimento dessa violência que alguns poderiam comparar aos piores genocídios” (DERRIDA, 2002, p. 52).

De fato, vê-se que a forma discriminatória e exploratória em relação aos animais não

humanos se equivale, pois, a outras formas opressoras, como as questões de gênero, classe, orientação afetiva, nacionalidade etc., em que se busca o silenciamento e a inferiorização daqueles que se pretendem excluir. É por isso que o filósofo Peter Singer (2004) sustenta o argumento de que

A maneira como nós os tratamentos [os animais] é um assunto moral, do mesmo modo como a luta contra o racismo e o sexismo (machismo) são assuntos morais. [...] O especismo é uma ação prejudicial contra um membro de outra espécie, como o racismo é prejudicial aos membros de outras raças. Por exemplo, humanos são especistas quando dão peso menor ao sofrimento de animais não humanos do que o sofrimento equivalente em outros humanos (SINGER, 2004, p. 9-10).

A fim de designar a discriminação injustificada contra os animais não humanos, foi cunhado nos anos 1970 o termo “especismo”, que integrou-se à filosofia moral, cujo marco histórico é o livro *Libertação Animal* (1975) do filósofo australiano Peter Singer. Daí em diante, os animais foram incluídos na agenda das discussões éticas contemporâneas, visando a sua libertação de todas as formas de crueldade e opressão, para que sejam reconhecidos como sujeitos de valores próprios e dignos de direitos.

Nesse caminho, portanto, tem se consolidado os *Estudos Animais* como projeto intelectual interdisciplinar que visa analisar criticamente os diferentes problemas relacionados à exploração de animais não humanos. Embora o temário da animalidade não seja algo novo, estando presente desde a mitologia e tem sido abordado de forma plural por distintos escritores no âmbito da literatura ocidental, mas enquanto questão teórica, as reflexões acerca dos animais não humanos é um grande avanço dos três últimos decênios, cujo surgimento o filósofo Dominique Lestel (2001) considera devido ao agravamento contemporâneo da crise existencial:

O ser humano defronta-se com a maior crise e identidade da sua história. Ele alcançou um conhecimento excepcional da sua biologia no contexto de uma representação enferma daquilo que é, de quem é. *Uma forma de repensar a identidade humana consiste em repensar as relações dos seres humanos com o animal e, por conseguinte, repensar este último* (LESTEL, 2001, p. 273, grifo nosso).

Segundo o autor, reexaminar as clássicas concepções dos animais não humanos é uma das questões importantes para o século XXI, uma vez que atualmente, devido às descobertas da etologia, reconhece-se uma extraordinária diversidade de comportamentos e competências dos animais, que vão da habilidade estética até formas elaboradas de comunicação (LESTEL, 2001).

Dessa maneira, a fim de se estabelecer uma nova práxis sobre o relacionamento como seres humanos com relação aos outros animais, dismantando os discursos que pretendem fixar uma linha clara e definida entre o que se conhece neles, os *Estudos Animais* se perfez num espaço de

entrecruzamento de diferentes campos do saber, como antropologia, biopolítica, bioética, etologia, biologia, filosofia, estudos literários, entre outros, alimentado por um projeto intelectual pautado no engajamento político, cultural e educacional. Esse aspecto é sintetizado de forma essencial por Maciel (2011), com o intuito de esclarecer que o crescente interesse pela ética animal possibilitou

[...] o surgimento de um novo campo de investigação que, sob a denominação de estudos animais, vem se afirmando como um espaço de entrecruzamento de várias disciplinas oriundas das ciências humanas e biológicas, em torno de dois grandes eixos de discussão: o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade, e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não-humanos. O que evidencia a emergência do tema como um fenômeno transversal, que corta obliquamente diferentes campos de conhecimento e propicia novas maneiras de se reconfigurar, fora dos domínios do antropocentrismo e do especismo, o próprio conceito de humano (MACIEL, 2011, p. 1).

No que tange as obras literárias, a utilização do campo de investigação dos *Estudos Animais* propiciará uma questão mais profícua da presença dos animais nestas produções. Consiste em uma análise mais profícua, pois, Guida (2011), Maciel (2008, 2011) e Vizachri (2015) possibilitam compreender que o campo de investigação dos estudos animais supera a questão da animalidade para além das simples metáforas e das teorias comparativistas, isto porque refletem um posicionamento antropocêntrico, influenciado pela noção de soberania em relação à outridade absoluta do animal. Ou seja, as “circunscrições metafóricas quase sempre marcaram os enfoques literários dos animais não humanos” (MACIEL, 2011, p. 2), mas não era um enfoque *consciente dos problemas ético-políticos próprios às ressonâncias socioculturais da vivência dos animais não humanos*.

2 A CATÁSTROFE A GOLPES DE MARRETADAS: A DEGRADAÇÃO DE VIDAS SEM NENHUM ESTATUTO ÉTICO

Ao contrário do que se poderia facilmente conceber, *De gados e homens* não foi escrito com vistas a ser uma espécie de manifesto em prol dos direitos animais, embora o romance trate, incisivamente, das condições de criação e morte dos animais bovinos. Ao ocuparem, desse modo, um lugar explícito, com um peso ético e político, o discurso narrativo do romance mergulha nos impasses das atitudes que subjugam e confinam bilhões de animais nos sistemas de produção industrial, por considerá-los meros objetos desprovidos de valor e dignidade. Afinal, do ponto de vista teórico estabelecido por Antonio Candido (2006), sabe-se que a estrutura das narrativas ficcionais está intimamente relacionada com o contexto histórico-social, de modo que, “justamente pelo fato de manter relações com a realidade social, a literatura incorpora as suas contradições à estrutura e ao significado das obras” (CANDIDO, 2006, p. 202, grifo nosso).

Com isso, acreditamos que o romance de Ana Paula Maia *incorporou* os impasses do antropocentrismo especista, de tal modo que uma análise que se queira profícua precisa estar pautada nos Estudos Animais. É, pois, o entrecruzamento interdisciplinar desse campo investigativo que nos permite deslindar o drama do personagem Edgar Wilson, que se autoquestiona acerca do sofrimento dos animais no processo de criação e morte ao qual estão submetidos no matadouro em que trabalha. Edgar Wilson pertence à camada da população que está excluída dos processos de modernização industrial, sem acesso a políticas socioeconômicas, sobrevivendo em uma brutalidade abjeta de um cotidiano cruel, no qual trabalha mais de dez horas diárias em um boxe fétido cheio de sangue e moscas. As ações do romance se passam na fazenda “Touro do Milo”, na qual funciona um matadouro de bovinos que fornece carne para um fábrica de hambúrguer. Neste matadouro, Edgar Wilson exerce a função de atordoar os bovinos com um intenso golpe de marreta, para que durante o seu desnorreamento a sua garganta seja cortada.

Na dinâmica produtiva do matadouro, Edgar Wilson está submetido a uma rotina desgastante, na qual “por dia precisa matar mais de cem vacas e bois e trabalha seis dias por semana, folgando apenas no domingo” (MAIA, 2013, p. 17). Encontra-se, assim, já no primeiro capítulo as *duas questões basilares* que colaboram para a construção da identidade existencial do protagonista e o modo como se relaciona com os bovinos.

O narrador focaliza, por um lado, a *exploração do trabalho* de Edgar Wilson e a relação com o produto final de seu trabalho:

Depois de esartejados, são enviados para duas fábricas de hambúrguer e distribuídos para alguns frigoríficos, que mandam caminhões buscar os lotes de carne. Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída prensada e achatada em formato de disco. Depois de frita, é colocada entre duas fatias de pão redondo recheado com folhas de alface, tomate e molho. O preço de um hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba (MAIA, 2013, p. 16-17).

Tal aspecto poderia render longa reflexão econômico-política, visto que a condição de Edgar Wilson é tão miserável que não tem acesso ao próprio produto final de seu trabalho. É importante notar que Edgar Wilson não é vegetariano ou vegano, de modo que o fato de ele nunca ter comido um hambúrguer demonstra a factualidade alienada e alienante de seu trabalho, que faz as mercadorias serem mais valorizadas do que o ser humano. Por ser uma situação grave e enfática, cumpre lembrar, ainda que brevemente, uma conclusão de Marx (2004) a partir de sua investigação sobre as relações mercantis e as determinações ontológicas e históricas advindas das relações de trabalho. Assim, nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, de 1844, Marx (2004) expôs que, na sociedade burguesa, o trabalhador se torna objeto, sendo empobrecido econômica e subjetivamente:

[...] o trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (Sachenwelt) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (menschenwelt). A apropriação do objeto aparece em tal medida como alienação que quanto mais objetos produz o trabalhador, tanto menos consegue possuir e tanto mais submetido fica à dominação de seu produto, quer dizer, do capital [...] tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior (MARX, 2004, p. 80-81).

Assim como argumenta Marx (2004), parece-nos haver uma objetivação de Edgar Wilson em relação ao produto final do matadouro, de modo que ocorre o engrandecimento das mercadorias em oposição a degradação (desvalorização) dos seres humanos e dos animais não humanos. No Brasil, a indústria de processamento de carne é um grande mercado de trabalho, empregando mais de 1 milhão de trabalhadores visto a enorme quantidade de animais abatidos e destinados ao consumo carnívoro. O Brasil possui, atualmente, o segundo maior rebanho bovino mundial, com cerca de 220 milhões de gados. Trata-se, enfim, de uma indústria duplamente cruel: com desrespeito à dignidade dos animais não humanos e marcada por uma estratégia de trabalho precário, com desrespeito às leis trabalhistas. Além de ser o local de trabalho em que mais ocorre acidentes, deixando trabalhadores com diversos transtornos psicológicos, e causando danos significativos no meio ambiente, especialmente aos recursos hídricos (SILVA et al, 2012).

Edgar Wilson está imerso nessa crueldade, cuja “produção está se intensificando e será necessário contratar mais um atordoador” (MAIA, 2013, p. 18), de modo que ele começa a se autoquestionar o porquê de toda essa matança. *Isto é, pois, o segundo aspecto basilar da obra, a partir do qual enfoca-se a compaixão de Edgar Wilson pelo sofrimento dos animais não humanos no momento do abate.* Para o filósofo Derrida (2012), o sentimento de compaixão é fundamental para se questionar e realizar esforços ético-políticos para livrar os animais da violência: “[...] para nos acordar para nossas responsabilidades e nossas obrigações em relação ao vivente em geral, e precisamente a essa compaixão fundamental que, se fosse tomada a sério, deveria mudar até os alicerces da problemática animal” (DERRIDA, 2012, p. 53).

Edgar Wilson sente responsabilidades e obrigações em relação aos bovinos com os quais trabalha, a fim de evitar seus sofrimentos. Essa compaixão já é exposta no romance desde o primeiro capítulo:

— Pois não — diz Edgar Wilson, que tira o boné da cabeça e segura-o contra o peito respeitosamente ao entrar no escritório.
— Preciso que você vá até a fábrica de hambúrguer fazer uma cobrança.
— Seu Milo, quem vai abater o gado?
Milo coça a cabeça, enterrando os dedos nos fios crespos e embaraçados.

[...]

— O Zeca já abateu algumas vezes, né? — pergunta seu Milo.

— É, abateu. Mas ele deixa o bicho acordado ainda. O boi sofre muito, Seu Milo. O Zeca não tem uma pegada boa não.

— O que eu posso fazer? Na degola ele vai morrer mesmo — responde Milo, alterado.

Edgar hesita pouco antes de sair, mas atravessa a porta do escritório e fecha-a ao passar. Segue por um corredor fétido e mal iluminado e ao virar à direita entra no boxe de atordoamento, local em que trabalha muitas horas por dia. A fila de bois e vacas é sempre longa. Um funcionário abre a portinhola e o boi que já passou pela inspeção e pelo banho entra devagar, desconfiado, olhando ao redor. Edgar apanha a marreta. O boi caminha até bem perto dele. Edgar olha nos olhos do animal e acaricia a sua frente. O boi bate uma das patas, abana o rabo e bufa. Edgar cícia e o animal abranda seus movimentos. Há algo nesse cício que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelecem confiança mútua. Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. É o seu ritual como atordoador. Suspende a marreta e acerta a frente com precisão, provocando um desmaio causado por uma hemorragia cerebral. O boi caído no chão sofre de breves espasmos até se aquietar. Não haverá sofrimento, ele acredita. Agora o bicho descansa sereno, inconsciente, enquanto é levado para a etapa seguinte por outro funcionário, que o suspenderá de cabeça para baixo e o degolará” (MAIA, 2013, p. 11-12).

Pode-se conceber que o fato de os matadouros serem espaços distante dos centros urbanos consiste, pois, em um modo de mitigar a compaixão dos consumidores. No entanto, a compaixão de Edgar Wilson não chega a ponto de impedi-lo de consumir carne. Em determinado momento do discurso narrativo, ele consegue comer um hambúrguer, mas não consegue relacionar a crueldade imposta ao bovino com a mercadoria:

Na sala do financeiro, uma mulher baixinha e de óculos entrega a ele um cheque nominal e apanha a ordem de cobrança. Ele enfia o cheque dentro do bolso e caminha para a saída. Um carregamento de hambúrgueres está sendo colocado dentro de um dos caminhões. Acende um cigarro e, apoiado na caminhonete, observa os homens trabalhando. Uma das caixas de papelão cai de uma pilha alta e espatifa-se no chão. Edgar agacha-se ao lado da caixa e observa o conteúdo. Parece saboroso. Um dos carregadores oferece uma caixa de hambúrguer a ele, que agradece e entra na caminhonete.

[...]

Cumprido seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. *Com os colegas comem toda a caixa, admirados. Assim, redondo e temperado, nem parece ter sido um boi. Não se pode vislumbrar o horror desmedido que há por trás de algo tão saboroso e delicado* (MAIA, 2013, pp. 20-21, grifo nosso).

Neste âmbito, compreende-se melhor essa cena recorrendo às reflexões de Carol Adams (2012), que desenvolveu o conceito de *referente ausente* para explicar de que modo o animal vivente é separado da noção de carne, no sentido em que o consumidor carnívoro está alienado do fato de que o que está em seu prato é um cadáver. A autora argumenta que é por meio da estrutura do referente ausente um dos motivos que se perpetua a cultura carnívora, posto que

[...] é o que separa o carnívoro do animal e o animal do produto final. A função do referente ausente é manter a carne separada de qualquer ideia de que ela ou ele já foi um animal [...] evitar que algo seja visto como tendo sido um ser. Uma vez que a existência da carne é desligada da existência de um animal que foi morto para se tornar carne, esta fica desancorada do seu referencial original [o animal] [...] (ADAMS, 2012, p. 23-24).

Conforme consta no discurso indireto, a sensação de Edgar Wilson, e de seus colegas, é que o hambúrguer “redondo e temperado, nem parece ter sido um boi” (MAIA, 2013, p. 21), exatamente no sentido proposto pela reflexão de Adams (2012), de que o retalhamento que é posto no corpo ausenta qualquer referência a um animal. No hambúrguer está afastado qualquer menção à dor, ao sofrimento e à anulação da dignidade dos bovinos, dado que “o referente ausente nos permite esquecer o animal como uma entidade independente; além disso, nos capacita a resistir aos esforços para tornar presentes os animais (ADAMS, 2012, p. 79).

As camadas de opressão são fortalecidas pela estrutura do referente ausente, escamoteando a violência. Mas, embora Edgar Wilson a esquece enquanto come hambúrguer, ele ainda lida com toda a crueldade dessa violência diariamente, já que

[...] o matadouro onde trabalha e o alojamento onde mora, local em que permanece confinado com diversos trabalhadores. Ambos os confinamentos, de gado e de homens, estão lado a lado, e o cheiro, por vezes, os assemelham. Somente as vozes de um lado e os mugidos do outro é que distinguem homens e ruminantes (MAIA, 2013, p. 22).

É, pois, a partir dessa experiência de confinamento, de um cotidiano brutalizado e de uma vida marginalizada socialmente que Edgar Wilson não é enredado pela “doutrina da santidade da vida humana” que, de acordo com Singer (2012), possibilita a ideologia de que “a vida humana tem algum valor muito especial, um valor totalmente distinto do valor das vidas de outros seres vivos” (SINGER, 2012, p. 54). Portanto, ao estar ciente de que sua vida não é nenhum pouco mais especial do que os bovinos que mata, Edgar Wilson começa a questionar os motivos dessa matança.

Quais poderiam ser, afinal, os questionamentos de um trabalhador rural, iletrado e brutalizado, a respeito dos animais? E como poderia Edgar Wilson manifestar a sua compaixão pelos bovinos sendo um atordoador no matadouro?

2.1 OS QUESTIONAMENTOS DE EDGAR WILSON AO ANTROPOCENTRISMO LOGOCÊNTRICO E ESPECISTA

Há poucas descrições acerca do espaço geográfico onde está localizado o matadouro em que trabalha Edgar Wilson; mesmo assim, no desenrolar do discurso narrativo é possível

deprender que é um espaço degradado pelo matadouro. O narrador expõe que a imagem da morte encobre todo um longo perímetro aos redores da fazenda “Touro do Milo”, causando a contaminação de um pequeno rio: “é nesse rio que todos os matadouros da região lançam as toneladas de litros de sangue e resíduos de vísceras de gado” (MAIA, 2013, p. 26).

Percebe-se, assim, que a opressão da classe dos trabalhadores e dos animais não humanos assemelha-se com a exploração e a destruição do meio ambiente: “Chama-se Rio das Moscas, e, desde que os matadouros cresceram na região conhecida como Vale dos Ruminantes, suas águas limpas encheram-se de sangue. No fundo desse rio está depositado todo tipo de coisa, orgânica e inorgânica. Humana e animal” (MAIA, 2013, p. 39).

No romance, Edgar Wilson percebe e lamenta a morte do rio, observando os peixes que aparecem mortos às margens do rio. Todavia, infelizmente, essa degradação ambiental não é apenas ficcional, malgrado a nossa Constituição Federal brasileira tenha o mérito de ter importantes leis pela proteção do meio ambiente. A Constituição traz a obrigação de o Poder Público promover, em todos os níveis de ensino, educação ambiental, além de conscientização pública para a preservação do meio ambiente, a fim de proteger para as futuras gerações uma qualidade de vida sadia. Mas em um capitalismo predatório, o dinheiro sempre sobrepuja a lei, favorecendo as indústrias, fazendo que haja “inúmeros matadouros com irregularidades relacionadas à inadequação higiênica, despejos de efluentes, descarte inadequado de resíduos sólidos, carência de manutenção das lagoas de tratamento, ausência dos parâmetros regidos pela legislação ambiental e sanitária vigente” (SILVA et al., 2012, p. 1017). Assim, estudos indicam que vários matadouros contribuem para uma grande poluição hídrica, impossibilitando o uso da água para consumo humano, dessedentação animal ou para banho.

Isto constitui em uma manipulação grave, que deve ser moralmente repudiada, dado que “interferir no estado natural da vida de animais e plantas para beneficiar interesses humanos, é negar-lhes liberdade para viverem a espécie de vida na qual nasceram, e gozarem o bem inerente a essa condição” (FELIPE, 2009, p. 18). É neste espaço que vive Edgar Wilson, degradado, imoral, onde não há respeito com a dignidade dos animais não humanos.

Essa condição, no entanto, é questionada por ele a partir da observação do sofrimento no momento do abate. Conforme Edgar Wilson comenta com os seus colegas de trabalho, “não gosta de abater ovelhas. Elas se ajoelham e choram quando vão morrer” (MAIA, 2013, p. 39). Concebemos, assim, que na experiência de abate de ovelhas Edgar Wilson sofreu o que Derrida (2012) nominou como *animal-estar*, cuja experiência é o mal-estar diante do olhar de um animal: “[...] a experiência original, única e incomparável deste mal-estar que haveria em aparecer verdadeiramente nu, diante do olhar insistente do animal, um olhar benevolente ou impiedoso,

surpreso ou que reconhece” (DERRIDA, 2012, p. 16).

No caso de Edgar Wilson, trata-se de um olhar de medo e sofrimento, que o fez autoquestionar-se da finalidade da violência infligida a estes seres vulneráveis:

[...] Seu Milo pede aos homens que retornem ao trabalho e que ninguém vá embora, que todos devem trabalhar pela noite e pela madrugada [pois] as ovelhas devem estar prontas até o fim do dia seguinte, quando o caminhão-frigorífico virá busca-las. [...] No fim da madrugada Edgar Wilson está banhado de sangue. Todas as vezes que ia abater a marretada uma ovelha, ela ajoelhava à sua frente e baixava a cabeça, em suplício. Em muitas delas ele via lágrimas escorrerem. Sendo assim, decidiu degolá-las, prendendo-as firme nos braços e tapando os olhos delas (MAIA, 2013, p. 57).

O choro das ovelhas é uma expressão óbvia de seus sentimentos, de medo da morte que está próxima, e Edgar Wilson sabe disso, sente-se visto pelos animais, cuja experiência, conforme argumenta Derrida (2012), possibilita enxergar “o limite abissal do humano”, “os confins do homem”; e, por isso, Edgar Wilson tem medo dos olhares, decidindo tapá-los. Maciel (2016) esclarece que a troca de olhares é importante no ato de apreensão da alteridade animal e que, portanto, valorizar o ato de olhar um animal e ser olhado por ele implica reconhecê-lo “como um ser que, em sua singularidade, olha, sente, sofre, tem inteligência e saberes próprios sobre o mundo” (MACIEL, 2016, p. 44).

Com efeito, mesmo Edgar Wilson tapando os olhares das ovelhas, este evento constitui em uma experiência incontornável para sua identidade, pois, a partir dela questiona-se a respeito do sofrimento dos animais:

Apanha um cigarro na cartela quase vazia e o acende com um fósforo. Não comeu nada durante o dia e não consegue sentir fome. Apenas toma alguns goles de café. É tudo o que tem suportado. O dia ainda não dá nenhum sinal, mas não importa o que houver, ele surgirá em uma hora e meia.

— Edgar. — Helmuth entrega a ele uma caneca de café. Edgar aceita.

— Diazinho desgraçado de longo — diz Helmuth se espreguiçando.

Edgar permanece calado. Saboreia o café fresco provavelmente feito pelo velho Emetério.

[...]

Edgar Wilson permanece calado como se não ouvisse nada. Helmuth o chama pelo nome e o sacode. Percebe que Edgar está coberto de fibras, pelos e sangue.

— Elas se ajoelham e choram — diz Edgar com a voz baixa, sonolento.

— Do que você está falando?

— As ovelhas. Elas te olham, se ajoelham e choram antes de morrer.

Edgar Wilson dá uma longatragada no cigarro. Enche os pulmões de fumaça e solta pelo nariz lentamente.

— Quase não consegui. Tive que quebrar o pescoço de algumas primeiro, aí eu cobria os olhos delas e as degolava — conclui Edgar.

— Você precisa de um banho — diz Helmuth.

— Que tipo de homem é você? — pergunta Edgar Wilson.

— Um homem de gado.

Caem em silêncio. Somente o som delicado do cigarro queimando ao ser tragado pode ser ouvido.

— Edgar, são apenas animais. Estão debaixo da nossa autoridade.

— Pra viver e pra morrer?

— Pra nos servir.

Edgar Wilson apaga a ponta do cigarro na cerca de madeira em que está apoiado e se retira em silêncio direto para o banheiro. Ao terminar de se lavar, veste-se e vai se deitar um pouco, pois tem duas horas de descanso antes de voltar ao trabalho (MAIA, 2013, p. 88).

Essa cena é fundamental. O discurso de Helmuth expõe o senso comum, pautado no especismo, proclamando-se proprietário da vida dos animais não humanos, por considerá-los inferiores. A ética animal, ao contrário, demonstra que os não humanos são seres sencientes assim como os humanos, com “consciência de si enquanto entidade distinta, com um passado e um futuro” (SINGER, 2002, p. 100). De acordo com o filósofo australiano,

[...] seria descabido dizer que não é do interesse de uma pedra levar um pontapé de uma criança numa rua. Uma pedra não possui interesses porque não sofre. Nada do que lhe possamos fazer tem qualquer importância para o seu bem-estar. Um rato, pelo contrário, tem de facto um interesse em não ser molestado, porque os ratos sofrem se forem tratados desse modo. Se um ser sofre, não pode haver justificação moral para a recusa de tomar esse sofrimento em consideração (SINGER, 2002, p. 40).

Desse modo, não há justificação moral para a catástrofe que ocorre no matadouro. Ainda assim, Helmuth não acredita em Edgar Wilson sobre o fato das ovelhas chorarem, pois não acredita na capacidade de expressão dos não humanos, cuja ideologia advém do humanismo logocêntrico que “valeu-se do animal como um mero teorema para justificar a racionalidade e a linguagem humanas como prioridades diferenciadas (e superiores) dos humanos em relação aos outros viventes” (MACIEL, 2016, p. 38). Assim, a rigor, o antropocentrismo especista e logocêntrico não levam em consideração os animais e sua constituição como seres dotados de consciência, valorizando a sua instrumentalização na valoração econômica.

Vale lembrar que ocorre uma revisão dessa crença atroz no meio científico, desde a publicação do manifesto *Cambridge declaration on consciousness*, assinado pelos maiores expoentes da neurociência contemporânea. Neste manifesto é exposto que:

O campo da pesquisa sobre a consciência está evoluindo. Inúmeras novas técnicas e estratégias para a pesquisa com animais humanos e não humanos tem se desenvolvido. [...] Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Conseqüentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência (LOW, 2012, s/p).

É por serem conscientes e afetivos, que os bovinos do matadouro, em que trabalha Edgar Wilson, começam a agir de modo incomum. Segundo a observação de Edgar Wilson, eles deixam de pastar em rebanho e virados para o norte:

[...] A linha do tempo é como a linha da morte: não pode ser interrompida. [...] Algumas vacas continuam pastando em direção ao oeste, enquanto outras se mantêm viradas para o norte, como habitual. Ninguém parece se importar com esse detalhe, mas Edgar Wilson sabe que alguma ainda está errada e que a normalidade no matadouro é aparente. Ele sabe disso quando observa o gado pastando, quando olha em seus olhos, quando vê o seu próprio reflexo neles (MAIA, 2013, p. 91).

Assim, no desenrolar do discurso narrativo os bovinos começam a ter um comportamento estranho, sendo que, de repente, parte do rebanho da fazenda desaparece. Preocupado com este desaparecimento, Edgar Wilson descarta a hipótese dos outros trabalhadores sobre terem sido vítimas de algum predador ou ladrão de gados, acreditando que, na realidade, os bovinos se jogaram deliberadamente de um despenhadeiro. Para ele tratava-se de um “suicídio coletivo das vacas” (MAIA, 2013, p. 92), embora ninguém mais concordasse:

[...] Edgar Wilson retorna quando escuta Seu Milo chamar por ele.
— O que você ache que aconteceu, Edgar?
— Elas se mataram.
— São apenas animais, Edgar. Não tem vontade própria. Elas não pensam em suicídio (MAIA, 2012, p. 89).

Aqui, Seu Milo, proprietário da fazenda e do matadouro, está pautado no antropocentrismo, considerando os animais como inferiores. Ele julga saber sobre o comportamento dos não humanos, porém seu discurso representa que eles são apenas “fantoques” ou “bestas”, no sentido em que

[...] os animais são sempre os observados, O fato de poderem nos observar perdeu toda a importância. Eles [os animais] são objetos de nosso conhecimento, cada vez mais amplo. O que sabemos a seu respeito é uma indicação de nosso poder e, portanto, uma indicação do que nos separa deles. Quanto mais sabemos, mais longe eles ficam (BERGER, 1980 *apud* GARRARD, 2006, p. 196).

Essa ilusão de conhecimento, pautado no antropocentrismo especista e logocêntrico, incapaz de considerar os não humanos dotados de sensicência, faz que Seu Milo e os outros trabalhadores não desvendem o motivo do desaparecimento e morte dos bovinos. Dessa maneira, a estranha morte dos bovinos não fica esclarecida no romance, sendo que o narrador até afirma que “o suicídio coletivo das vacas jamais poderá ser explicado” (MAIA, 2013, p. 94).

No entanto, é possível compreender esse *suicídio coletivo* recorrendo à *Ética Animal*,

considerando os não humanos como possuidores de vontades e capacidades próprias. Ao discorrer sobre o especismo e os processos de desconsideração moral em relação à vida dos animais, Felipe (2009) utiliza o termo “vivo-vazio para designar animais separados de outros membros de sua espécie pela ação humana [...] a privação da interação com seus pares, o isolamento mental, torna o animal um vivo-vazio. Seu corpo está ali, mas privado da mente que o distinguiria na configuração de sua espécie de vida” (FELIPE, 2009, p. 10).

Talvez não seja exagero, por conseguinte, considerarmos os bovinos do romance como animais que estão em um estado *vivo-vazio*, devido ao estresse mental de saberem que suas mortes estão próximas. E, sobretudo, pelo fato de que “o confinamento e o isolamento de animais representa uma das formas mais brutais de violência” (FELIPE, 2009, p. 10). Conforme argumenta a autora,

A condição de ser obrigado a mover-se no ambiente natural e social para autoprover-se pode ser compreendida como uma espécie de liberdade física negativa ou autonomia prática, característica da natureza animal. Aprisionados e confinados, animais humanos e não-humanos são destituídos do senso de provimento que lhes é próprio, privados, pois, da liberdade de buscar seu próprio bem a seu próprio modo. A perda da liberdade, para um animal, ameaça sua consciência específica. O confinamento de animais os força a viverem a vida contrariando sua autonomia prática natural, pois os priva do bem próprio da espécie singular de seu viver. O bem próprio a cada espécie não pode ser oferecido por ninguém ao animal (FELIPE, 2009, p. 12).

Sendo assim, os bovinos ao serem confinados em currais, tendo sua autonomia tolhida, preferiram se suicidar do que serem meros *corpos-vivos-vazios* nas mãos de seus opressores. Edgar Wilson é o único que está cômico dessa situação, o que faz aumentar a sua compaixão pelos bovinos. Mas ele é apenas um trabalhador oprimido, também pela indústria da carne, não podendo alterar em nada essa catástrofe que desaba sob os animais a golpe de marretadas.

A compaixão de Edgar Wilson apenas permite que ele tenha relações afetivas no campo da moral. Afinal, “grande parte da vida ética tem uma dimensão emocional, e não apenas racional. O fenômeno moral envolve sentimentos além da cognição”, explica Naconecy (2006, 191). É assim que, pautado numa dimensão emocional, Edgar Wilson se preocupa com o sofrimento dos animais não humanos, de modo que começa a “encomendar a alma de cada animal que abate” (MAIA, 2013, p. 15). Como não pode apenas se demitir por viver em uma condição de miséria, ele passa a ter uma responsabilidade emotiva com os bovinos no momento do abate:

[...] Edgar cicia e o animal abrandando seus movimentos. Há algo nesse cicio que deixa o gado sonolento, intimamente ligado a Edgar Wilson, e dessa forma estabelecem confiança mútua. Com o polegar lambuzado de cal, faz o sinal da cruz entre os olhos do ruminante e se afasta dois passos para trás. É o seu ritual

como atordoador. Suspende a marreta e acerta a frente com precisão, provocando um desmaio causado por uma hemorragia cerebral. O boi caído no chão sofre de breves espasmos até se aquietar. Não haverá sofrimento, ele acredita. Agora o bicho descansa sereno, inconsciente, enquanto é levado para a etapa seguinte por outro funcionário, que o suspenderá de cabeça para baixo e o degolará” (MAIA, 2013, p. 12).

Diante do sofrimento e da morte, Edgar Wilson encontra esse gesto, tentando amenizar a crueldade e trazer dignidade, para que ele mesmo possa viver com integridade, visto que “a responsabilidade ética perante o animal implica acolhê-lo como mais que um objeto” (NACONECY, 2006, p. 201). Desse modo, tal comportamento de Edgar Wilson ao longo do romance salienta os desafios da reflexão acerca da catástrofe que é a naturalização e perpetuação da concepção do especismo antropocêntrico/logocêntrico que não reconhece aos animais não humanos como sujeitos de direitos e dignidade.

UMA OBSERVAÇÃO FINAL

A partir de uma estética brutalista, o romance *De gados e homens* expõe e problematiza a catástrofe derivada da cultura especista. Esforçamo-nos em tentar demonstrar, à luz das passagens apresentadas e analisadas até aqui, que é possível conceber que Edgar Wilson, mesmo submetido a uma realidade abjeta, começa a sentir compaixão dos bovinos, que o faz tentar, dentro de seus limites, agir com uma ética do cuidado. Parece-nos, assim, que este romance de Ana Paula Maia estabelece, para os leitores, um ambiente favorável de reflexão sobre a Ética Animal, contribuindo que o abolicionismo possa florescer como ideia moral.

Sendo assim, numa sociedade tão especista quanto a nossa, *De gados e homens* constitui em um fundamental auxílio simbólico para compreender e problematizar a horrenda, cruel e traumática situação nos processos de produção de carne. O fato de não encontrarmos nenhum trabalho que já houvesse realizado uma análise deste romance a partir dos *Estudos Animais* foi, com efeito, a principal dificuldade da construção desta análise, de modo que esperamos que esta seja um contributo para o crescimento desse recente campo de investigação, a partir do qual vislumbramos desconstruir as concepções especistas que coloniza e subjuga violentamente os não humanos.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre o carnivorismo e a diminância masculina*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

ARISTÓTELES. *A política*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BOSI, Alfredo. Situação e formas do conto brasileiro contemporâneo. In: BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 07-22.

CANDIDO, Antonio. Literatura de dois gumes. In: ___. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, 199-221.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

FELIPE, Sônia. A herança cartesiana na ciência do modelo animal. In: *Ética e experimentação animal: fundamentos abolicionistas*. Florianópolis: UFSC, 2007, p. 41-62.

_____. Antropocentrismo, Sencientismo e Biocentrismo: perspectivas éticas abolicionistas, bem-estaristas e conservadoras e o estatuto de animais não-humanos. *Revista Páginas de Filosofia [online]*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 2-30, 2009. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/PF/issue/view/74>>. Acesso em: 22 de fev. 2019.

GARRARD, Greg. Animais. In: ___. *Ecocrítica*. Brasília: Ed. UnB, 2006, p. 192-225.

GUIDA, Angêla Maria. Literatura e Estudos animais. *Revista Raído*, Mato Grosso do Sul, v. 5, n. 10, p. 287-296, 2011. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/1342>>. Acesso em: 22 de fev. 2019.

LESTEL, Dominique. *As origens animais da cultura*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LOW, Philip. Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/172-noticias/noticias-2012/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>>. Acesso em: 22 de fev. 2019.

MACIEL, Maria Esther. *O animal escrito: um olhar sobre a zooliteratura contemporânea*. São Paulo: Lumme, 2008.

_____. Derrida e os animais. In: ___. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016, p. 36-47.

_____. MACIEL, Maria Esther. *Exercícios de zooliteratura*. *Revista ComCiência [online]*, São Paulo, n. 134, p. 1-4, São Paulo. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011001000010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 de fev. 2019.

MAIA, Ana Paula. *De gados e homens*. Rio de Janeiro: Record, 2013

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

NACONECY, Carlos Michelin. *Ética & Animais: um guia de argumentação filosófica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SILVA, Genival Nunes; MADI, Rubens Riscalá; MELO, Cláudia Moura de; FONSECA, Vania. *Matadouros públicos e saúde ambiental em Sergipe*. *Revista Saúde Social [online]*. 2012, vol. 21, n. 4, p. 1013-1021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000400018&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 de fev. 2019.

SINGER, Peter. *Ética prática*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Fazenda modelo*. *Revista Cult*, ano VII, n. 86, p. 8-11, nov. 2004.

SCHOLLHAMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

_____. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder [et al.] (org). *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 236-259.

THOMAS, Keith. O predomínio humano. In: _____. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 21-60.

VIZACHRI, Tânia Regina. *Estudos culturais e Estudos animais na compreensão da representação dos animais*. In: Anais do Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, 2015, p. 1-10. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1429549797_ARQUIVO_EstudosCulturaisEstudosAnimaisnacompreensaodarepresentacaodosanimais.pdf>. Acesso em: 22 de fev. 2019.